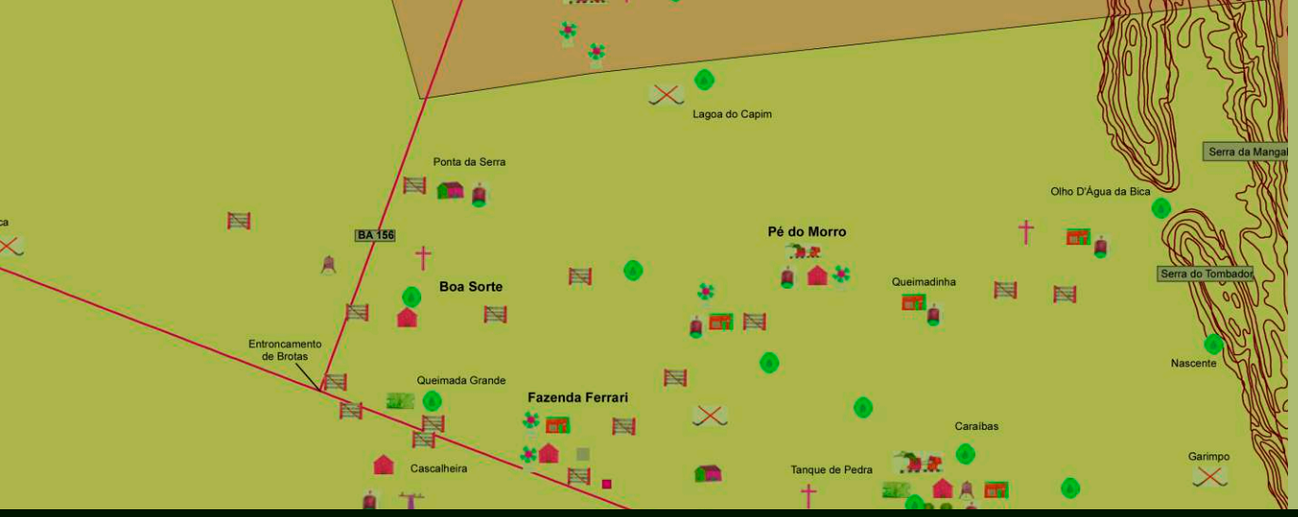


FUNDOS DE PASTO

nosso jeito de viver no sertão

Oliveira dos Brejinhos
e Brotas de Macaúbas

01

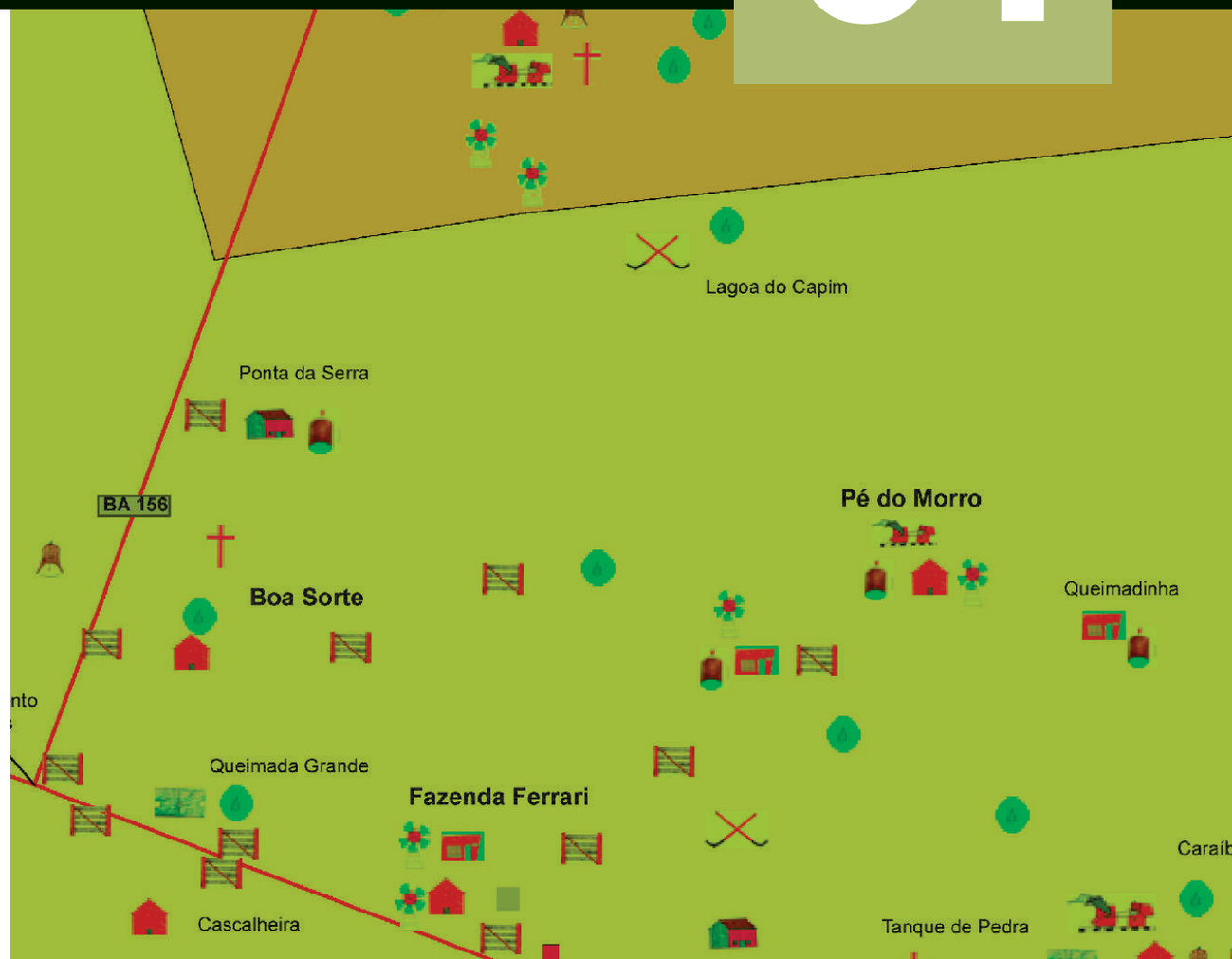
REALIZAÇÃO
Central de Fundos de Pasto da Região de Oliveira dos Brejinhos e Brotas de Macaúbas (CEAPRI)

APOIO
• Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE
• Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
• Programa de Pesquisa sobre Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB/UFBA)
• Núcleo de Estudos Ambientais e Rurais (NUCLEAR/UFBA)
• A Geografia dos Assentamentos na Área Rural – (Projeto GeografAR/UFBA)
• Fundação Ford
• Universidade Estadual do Amazonas - UEA

ISBN 978-85-7883-212-4

ENDEREÇO/ CONTATO
Central de Associações de Fundos de Pasto de Oliveira dos Brejinhos e Brotas de Macaúbas

Fone: (77) 3673-6088 (Várzea Alegre)
(77) 3642-2165 (STR Oliveira dos Brejinhos)
e-mail: ceapri@yahoo.com.br



Participantes da elaboração da Cartografia Social :
“Fundos de Pasto: nossa história e vida no sertão. Oliveira dos Brejinhos e Brotas de Macaúbas.”

Associação Comunitária da Fazenda Pé do Morro Panasco
José de Jesus Nogueira(Zé)
Joaquim Gomes Nogueira
José Fernandes Nogueira
Maria de Fátima (Fátima)
Maria Nalva (Naw)
José Teodorico Nogueira

Associação Comunitária de Jatobá (ACJ)
Romário Santos
Fabiano Silva (Fah)
Antonio Moreira Araújo
Davi Araújo Moreira
Genivaldo Nogueira Barreto
Gilmar Rosa da Silva
Guiomar Ribeiro Gomes
Jeferson Barreto da Silva
João Bispo da Silva
Jonas Paulo Moreira
José Araújo Moreira
Luís Rosa de Oliveira
Miguel Milton Seles

Associação Comunitária de Caprinocultores de Boa Sorte
Irene Francisca da Silva
Ricardo Alves da Silva
Alef Rosa de Jesus (Lafim)
Alice Almeida
Elias Neri da Silva
João Neri Sobrinho
Mario Neri da Silva
Mariza Xavier da Silva
Marcos Portela da Silva

Associação Comunitária de Agropecuários de Várzea D`Anta
Jéssica Oliveira
Gregório Francisco
Jhonatan Oliveira Santos
Edite Alves de Oliveira
Júlio Soares Araújo
José Paulino de Oliveira
Valdionor José Vieira (Nô)
Vital Evangelista dos Santos
Rosemeire Nogueira Oliveira

Associação Comunitária de Várzea Grande
Armônica Vieira (Mônica)
Ana Francisca Viera Lemos
Nilza Vieira
Gilson Martins Ferreira
Joaquim José Vieira
João Nogueira Ferreira
Jeová Onofre de Oliveira
Leandra de Oliveira Ferreira
Manoel Martins Ferreira
Valdemar Santos de Oliveira
Valter Aquino de Oliveira

Comunidade Várzea da Pedra II
Claudeci Silva de Paz
Marivaldo Silva de Oliveira
Edivaldo Santos Assunção
Genilza Lopes dos Santos (Nena)
José Paulo Guimarães
Vilma do Sacramento

Associação dos Produtores do Assentamento Nova União da Fazenda Ferrari (APANUFF)
Tiago Silva
Aparecida Francisca da Silva (Cida)
Erenice Rosa da Silva
Getúlio Martins
Maria da Paixão Almeida (Paixão)

Associação de Caprinocultores de Várzea Alegre
Diego Luís
Antônio José (Tonhão)
Elza Alves (Zinha)
Gilmar Vieira (Negão)
Manoel José Vieira
Maria Almeida (Bião)
Mário Xavier

Associação Comunitária Saco de Pedra II
Everton Ferreira Guimarães
Carmerindo Ferreira de Oliveira
Davi Martins Ferreira
Pedro Ferreira de Oliveira

Grupo de Monitoramento - 2010

Grupo de Monitoramento do Território:
Armônica Vieira (Mônica) – Várzea Grande
Claudeci Silva de Paz – Várzea da Pedra
Diego Luís – Várzea Alegre
Everton Ferreira Guimarães – Saco de Pedra
Fabiano Silva (Fah) – Jatobá
Genilza Lopes dos Santos – Várzea da Pedra
Irene Francisca da Silva – Boa Sorte
Jeferson Barreto da Silva – Jatobá
Jeová Onofre de Oliveira – Várzea Grande
Jéssica Oliveira – Várzea D´Anta
Jhonatan Oliveira Santos – Várzea Dantas
José de Jesus Nogueira (Zé) – Pé do Morro
Maria Nalva Vieira Nogueira – Pé do Morro
Ricardo Alves da Silva – Boa Sorte
Romário Santos - Jatobá
Tiago Silva – Ferrari

Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Coordenação:
Alfredo Wagner Berno de Almeida (PNCAA/UEA - PPGAS/UFAM, CNPq)
Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UNAMAZ - NAEA/UFPA)

Equipe de Pesquisa:
Franklin Plessmann de Carvalho - Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Greice Bezerra Viana - Núcleo de Estudos Ambientais e Rurais – NUCLEAR/UFBA

Edição do Texto:
Grupo de Monitoramento do Território
Franklin Plessmann de Carvalho
Greice Bezerra Viana

Edição do Mapa:
Pablício Vieira Moura – Projeto GeografAR/UFBA
Denílson Alcântara – Projeto GeografAR/UFBA
Franklin Plessmann de Carvalho – Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

N935 Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil : fundos de pasto: nosso jeito de viver no sertão – Oliveira dos Brejinhos e Brotas de Macaúbas - BA / coordenação do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Acevedo Marin ; organizadores, Franklin Plessmann de Carvalho, Greice Bezerra Viana. – Manaus : UEA Edições, 2012.
12 p. : il. color. ; 25 cm. – (Povos e Comunidades Tradicionais do Nordeste ; 01)

ISBN 978-85-7883-212-4

1. Territorialização. 2.Regularização de terra 3. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Acevedo. III. Carvalho, Franklin Plessmann de. IV. Viana, Greice Bezerra. V. Série.

CDU 528.9:711.3

APRESENTAÇÃO DAS COMUNIDADES DE FUNDO DE PASTO

A história da convivência nossa na região é marcada pela cultura, onde todas as famílias criam animais em terras comuns e tem suas áreas individuais respeitadas.

Na década 70, com a chegada da BR 242 e a lei dos quatro fios, houve a necessidade de se organizar para evitar evasão das terras. Esta lei tinha como fim acabar com a criação solta de animais como bodes e ovelhas, permitindo apenas que animais como bois, cavalos e jegues circulassem nas áreas.

Com isso, a partir dos anos 80 surgiu a necessidade da regularização das terras por conta de conflitos com algumas pessoas que fizeram empréstimos e nos ameaçavam com a lei de quatro fios para nos obrigarem a criar o bode preso. Fomos obrigados a criar o fundo de pasto por motivo de não ter condições de criar o bode preso. Foi a luta do bode solto.

Por ser a principal fonte de sobrevivência dos agricultores desta região torna-se uma cultura tradicional. Fundo de Pasto é uma área coletiva doada pelos moradores que se tornaram sócios

titulares e com ajuda das áreas individuais serve para sobrevivência dos animais. Também é o local onde preservamos a natureza, evitando a caça e a pesca predatória, e aproveitando os frutos naturais. Temos também algumas culturas: reis, festa de padroeiros, baile de sanfona, reza para as almas e outras mais.

(texto elaborado conjuntamente em oficina realizada em janeiro de 2010)

" Morar em uma comunidade de fundo de pasto é muito mais do que ter uma área dentro da comunidade... morar hoje em uma comunidade de fundo de pasto é todo um conceito de viver" – Nilza Vieira, Várzea Grande

"Essa palavra fundo de pasto é nova, então vê que dentro da movimentação isso foi documentado, foi regularizado, e essa área coletiva tinha que ter um nome oficializado e aí colocamos o nome fundo de pasto, uma reserva coletiva" - João Neri, Boa Sorte

"O sistema de fundo de pasto é integrado, tanto as áreas individuais como as coletivas elas tem um sentido de uso comum... por isso a gente cerca uma parte da área e deixa a outra solta. É este o sentido. – Nilza Vieira, Várzea Grande

Mutirão para o armazenamento de forragem animal – Várzea Grande (casa de Sinésio e Francisca) – Foto tirada por Flávio (Centro de Assessoria do Assuruá)

Croquis das áreas de Fundo de Pasto, apresentados na oficina de cartografia social – janeiro 2010

representantes da comunidade Saco de Pedra II marcando pontos no mapa

AMEAÇAS

O Processo de Regularização das Terras:

"A gente sabe aí do uso comum da terra como era de primeiro. Era uso comum aí pra todo mundo, mas depois veio a questão da criação, veio a questão da grilagem da terra e a gente sentiu necessidade de se organizar. Foi aonde que veio o estado pra cá e a gente começou a regularização da terra nesse uso de fundo de pasto, uma área coletiva de fundo de pasto que todos utilizam, e depois as áreas individuais dentro da área comum, que se forma o fundo de pasto." – João Nogueira, Várzea Grande

" Na questão da segurança da terra, as ameaças ao coletivo do fundo de pasto são diversas. Um exemplo das ameaças é o problema de demarcação do fundo de pasto. Muitas pessoas, às vezes, vendem sua terra para outra pessoa de fora que não tem nenhum vínculo com a Associação. Acaba que essas pessoas trazem problemas. Um dos problemas é que elas chegam e não vão respeitar os costumes da associação, dos associados. E o outro problema é que tem gente que compra a área individual e está de olho em levar uma parte do fundo de pasto." – Gilmar Rosa da Silva, Jatobá

"Sou do início dos trabalhos, sou fundador de associação, de comunidade de igreja também. E quero dizer assim, porque pra nós formarmos uma luta sem nós termos nosso título de terra em mão é meio difícil, porque a gente sempre só tem o direito quando tem o seu documento e sem o documento a gente nunca tem o seu direito correto." - José Teodorico Nogueira, Fazenda Pé do Morro.

"Gostaria de referir um pouco, ainda voltando na questão fundiária, a questão da demarcação e documentação fundiária do fundo de pasto. Porque o governo de agora entende que no caso de fundo de pasto não se pode entregar um título de domínio para a associação? Mas a gente questiona que nós somos posseiros aqui desde muito tempo, desde nossos bisavós. A gente vive aqui numa área que é passada de família a família, que vem de uma geração de muito antes. Nesta área que já foi feito o perímetro da associação, já está tudo demarcado. Por que a gente não pode ter um tipo de domínio de fundo de pasto pra essa área? Então eu acho também que isso é uma ameaça. A gente entende que um contrato de concessão de uso para essa área não garante, que seja um documento que tenha um grande valor para a gente. E a gente já tem um sistema aqui comprovado de muitos e muitos anos que a gente vive aqui nessa área, nesse sistema de fundo de pasto. Então, a gente questiona isso, e temos também aqui como uma ameaça que a gente enfrenta, que precisa a gente tentar resolver isso." – Guiomar Ribeiro Gomes, Jatobá

Carvoarias e Cerâmicas:

"Para que as cerâmicas continuem funcionando eles vão depender de pegar madeira e estão desmatando a região toda. E isso vai com certeza afetar, já está afetando, as áreas de fundo de pasto" – José Paulino, Várzea D'Anta

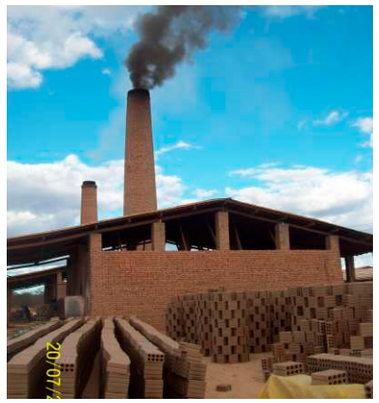
" Tem dono da cerâmica lá oferecendo dinheiro para um pedacinho de área e a gente sabe que o objetivo é cortar madeira e isso danifica. A gente tem recebido estas propostas e é isso que vai

acontecer dentro das áreas de fundo de pasto. O companheiro consciente não vai fazer isto, mas dentro da associação tem um companheiro que fica com um pé fora e acaba negociando o pedacinho da terra, negociando a madeira e com certeza vai atingir as associações." - João Nogueira, Várzea Grande

"Infelizmente as leis ambientais não estão favorecendo nada." – Erenice Rosa, Ferrari

" O que leva o desmatamento das áreas de fundo de pasto é justamente de uma lado a falta de fiscalização das leis ambientais. Mas também a falta de renda, o trabalho na questão da produção. Sem alternativa a pessoa acaba vendendo mesmo madeira de suas áreas. Até aqui nós temos percebido que isto acontece com as pessoas que quase não tem relação com o processo organizativo, até moram ou apenas tem propriedade na áreas de fundo de pasto. É alguma ou outra pessoa que está fazendo isso, mas há um assédio grande geral." – Nilza Vieira, Várzea Grande

"Hoje fala-se muito da questão ambiental mas os governos deixam muito a desejar. Não dá apoio para a gente cuidar, proteger, reflorestar" – Manoel José, Várzea Alegre



Carvoaria/cerâmica

DESAFIOS

Êxodo Rural

"Uma das grandes ameaças que a gente encontra, é a questão de novas lideranças para darem continuidade a esse processo que a gente enfrenta desde a década de 80. Não sei, acho que a nossa juventude hoje, o estudo que se freqüenta parece que não orienta, parece que não traz assim um fortalecimento relacionado a nossa vivência de fundo de pasto. Porque a questão é estudar e ir para fora, para trabalhar, para trabalhar numa fábrica, trabalhar em qualquer um sistema que não é o nosso sistema. Precisamos contar com as organizações, discutir isso nos espaços políticos, para achar um apoio, estar valorizando a nossa situação dentro desses processo políticos, para a gente ser mais fortalecido." – Gilmar Rosa da Silva, Jatobá

"Tem que ter mais investimento do poder público nesta parte de geração de renda, para que as pessoas possam ficar na sua propriedade, vivendo da terra, mas com outras condições, condições dignas de vida. E sem isso você vai querer que um jovem fique na terra? E se não mudar esta realidade não precisa pensar que jovem vai ficar, pois não fica mesmo." – José Paulino, Várzea D'Anta

"Muitos saem porque não fazem um levantamento do que tem aqui e do que tem lá. Pois se fizessem não saíam. Do jeito que se vai para lá, dependendo a vida, não compensa. E às vezes aquele sonho vai abaixo. Um fulano sai, outro também, e ai se decide sair. Mas se ver que aqui tem a terra, o criatório e mais outras coisas... Eu nunca quis sair, estive em São Paulo por onze meses e foi bom ter ido lá, mas só para fazer uma comparação. Só para isso." – Joaquim José, Várzea Grande

Água, Energia, Comercialização, Ensino

"Lutamos tanto por esta terra e se não criarmos condições de viver dela, teremos títulos de terras sem gente nelas" – João Neri, Boa Sorte

"Nas áreas de fundo de pasto ainda tem muitos sem energia e a gente não entende o motivo. Em Várzea da Pedra, as casas ficam debaixo do fio de luz e estão sem energia. Boa Sorte, Queimada Nova, tudo a mesma coisa. Nós estamos aqui na Várzea Alegre conversando, estas casas tem energia. Desde uns anos que Ana Clara, daqui, tem energia. Mas os companheiros mais ali do fundo estão sem. Se a gente gritar daqui eles escutam. Como é que diz que o negócio está bom? Precisa melhorar, e muito." – João Nogueira, Várzea Grande

"A energia ajuda muito a gente a voltar para o lugar. Eu tenho esta experiência, sou jovem ainda mas já saí de casa e fui morar onde tinha energia. Eu pensava em voltar, mas como minha casa aqui não tinha energia eu desanimava. Mas depois que passou a ter energia eu fiquei louco para voltar." – Marcos Portela, Boa Sorte

"Reforçando aqui quando fala sobre Água/Energia, sabemos que para qualquer produção a água é a base, a gente tem que se preocupar com a questão da água mesmo, fazer o máximo para não perder a água que já se tem e aproveitar as águas que vem. Para a energia a gente vê a preocupação, a necessidade de nós nos organizarmos mais, pressionar mais para que esta energia venha para todos, pois é um direito, é uma necessidade. A energia para produção de qualidade é importante, é indispensável." - João Neri, Boa Sorte

Casa sem energia elétrica com rede elétrica muito próxima

Fundos de Pasto
Nossa Históra e Vida no Sertão
Oliveira dos Brejinhos e Brotas de Macaúbas

746000 754000 762000 770000 778000 786000

8644000 8638000 8632000 8626000 8620000

Cerâmicas

Cerâmica

Jatobá

Lagoa do Capim

Ponta da Serra

BA 156

Boa Sorte

Entroncamento de Brotas

Queimada Grande

Fazenda Ferrari

Cascalheira

Várzea da Pedra II

Pé do Morro

Queimadinha

Serra da Mangabeira

Olho D'Água da Bica

Serra do Tombador

Nascente

Caraíbas

Garimpo

Tanque de Pedra

Várzea Grande

Várzea Alegre

Pascassio

Patos

BR 242

Lagoa do Angical

Itapicuru

Posto de Gasolina

Lagoa do Cipó

Várzea D'Anta

Lagoa do Campo

Nascentes

Capivara

Unha de Gato

Saco de Pedra I

Morro da Lagoa do Brejo

Flora

Saco de Pedra II

Mandacaru

Brejo do Carneiro

Representações Simbólicas

- Sedes das Associações de Fundo de Pasto
- Local das primeiras reuniões
- Moradias de Referência
- Escolas
- Igrejas
- Cemitérios
- Mata Burro
- Cancelas
- Galpão
- Campo de Futebol
- Aguadas: tanque, lagoa.açude
- Barragem
- Poço Tubular
- Cisterna de Produção
- Conflitos
- Passagem de Luz Elétrica sem fornecimento para comunidade
- Localidade sem luz elétrica
-) Local destinado para cosntrução de Frigorífico

Sedes de Associação

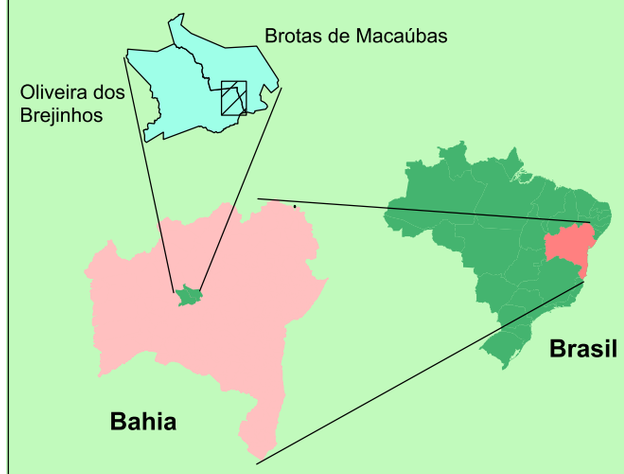
Localidades

Convenções Cartográficas

- serras
- estradas

Municípios

- Brotas de Macaúbas
- Oliveira dos Brejinhos



Território das Comunidades de Fundos de Pasto dos Municípios de Oliveira dos Brejinhos e Brotas de Macaúbas

Elaboração:
Central das Associações de Fundo de Pasto (CEAPRI) e representantes das comunidades: Jatobá, Pé do Morro, Várzea Grande, Várzea D'Anta, Várzea Alegre, Saco de Pedra II, Várzea da Pedra II, Boa Sorte e Fazenda Ferrari

Cartografia:
Franklin Plessmann de Carvalho - Projeto Nova Cartografia Social

Mapas de Apoio:
Pablício Vieira Moura - Projeto Geografar
Denilson Alcântara - Projeto Geografar

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

2012

Fonte Cartográfica: IBGE, malha municipal digital do Brasil, 2007

Oficinas de mapeamento realizadas em 26 de janeiro de 2010 e 14 de junho de 2011

0 2 4 Km

1:90.000

“Antes falaram que era para aceitarmos a energia por placa solar pois não viria a energia convencional. Agora vem a energia convencional e eles não querem ligar nas casas que já tem placa... Com a energia convencional podemos ter um geladeira, uma máquina trituradora para dar ração aos animais e na de placa não podemos usar uma geladeira, um triturador. Isso tá certo? Não.” – Bonifácio Ferreira de Oliveira, Saco de Pedra II

“É o governo menos ruim que já se teve. Mas para bom falta muito!” – João Nogueira, Várzea Grande

“Quando a gente diz que vai produzir para o consumidor, eu vejo que nós vamos nos preocupar em produzir primeiro para gente, e depois a gente produz para vender” - Nilza Vieira, Várzea Grande

“Temos que fazer uma coisa mais segura, fazer um alicerce bem mais seguro, condições de produzir e de vender” – Erenice Rosa, Ferrari

“Se nós tivéssemos o produto, nós arrumávamos a forma de vender. Hoje já temos mais conhecimento, mais instrução. Se tiver mais energia geral para todos os companheiros, e também água, a gente ia produzir. E aí estaríamos era discutindo a forma de correr atrás de vender esta produção. Arrumar um frigorífico, a CONAB, a merenda escolar” – João Nogueira, Várzea Grande

“Eu fiz há mais ou menos uns cinco ou seis anos uma pesquisa lá na minha propriedade em relação ao umbuzeiro. Eu nasci ali, me criei ali, conheço bem até as pedras. Então eu fiz um levantamento em um raio de 500 metros em volta da casa, de quantos umbuzeiros que existiam e que não existem mais e os que vieram a existir. Neste raio eu constatei 35 pés de umbuzeiros que não existem mais, que haviam quando eu era menino, criança. Um ano falta um, no ano que vem falta mais outro. Eu lembro que dois mesmo morreram pois foi a gente que atacou. Mas a maioria morreu mesmo porque “fraqueô” e morreu. Neste mesmo raio nasceram três. No lugar que morreram 35 recuperou apenas três. É uma árvore nativa e a gente vê se não tiver um certo cuidado vai acabar porque a situação é desta forma.” - José Fernandez, Pé do Morro

“A escola família, toda vida foi uma luta nossa. Até então, a chamada tecnologia do governo não chega para nós. Ela chega para as grandes empresas, para produzir para exportação. Mas para gente encontrar saídas de convivência de como melhor produzir, estes estudos ficam muito longe. Por isso que uma escola família forma um jovem, mas junto com isso leva ele a fazer um estudo da realidade da região e encontrar saídas. Vemos na escola família o lugar para um conhecimento, técnicas, para conviver e gerar renda digna para uma vida digna. Não vamos esperar o governo investir nestas comunidades se a gente não arregaçar as mangas, fazer, cobrar, propor. E a escola família é uma proposta que as comunidades de fundo de pasto têm. Ela não é só uma iniciativa da gente, mas é em conjunto com outras comunidades, até de outros municípios. E vejo nela uma nas alternativas ao êxodo rural. Mas como já falei, precisamos de um conjunto de ações articuladas.” – Nilza Vieira, Várzea Grande –

cantoria de reis

Cultura: perdas e renovações

“ A tecnologia também serve para o bem ou mal. Ela é uma faca de dois gumes, eu posso usar a tecnologia para o bem da cultura, mas eu posso usar a tecnologia de forma a acabar com a cultura.” Nilza Vieira, Várzea Grande

“A dedicação à cultura, que fazia fazer com perfeição, com a maneira de sobreviver com aquilo ali, produzido e fabricado e consumido aqui dentro hoje não existe mais. Quer dizer que a vida economicamente falando até pode estar mais favorável mas no sentido de sua atividade empobreceu. Não se vê mais o artesanato, as próprias mulheres pegavam o produto da roça, e deste produto desdobravam, até que saía um produto muito bom.” – João Neri, Boa Sorte

“Tempos atrás quase todas as mulheres aqui da região pegavam o algodão da roça e desse algodão transformava em roupas, calças, camisas, lençóis. Os homens do couro do boi transformavam cordas trançadas de couro que a gente chamava de laços, e faziam chinelos. E depois com a chegada da tecnologia isso foi acabando. Algumas mulheres faziam panela de barro, minha mãe mesmo fazia, panela de barro. É claro que hoje a gente não queria nem mais usar vamos dizer assim, aquelas roupas de algodão, a gente chamava assim de algodão grosso. Hoje em dia a gente ia chamar mesmo que era uma roupa grosseira. Mas eu acho que não deveria ter acabado assim da forma que acabou, deveria ter melhorado. Avançado e não acabado essa tradição que o jovem não conhece, não conheceram mais os lençóis que eram feitos do algodão que as mulheres aqui faziam. E o que acontece é que hoje a tecnologia chega mas não chega pra todos.” – Alice Almeida, Boa Sorte

“Eu vejo assim, a gente não se deu conta com o avanço, não se deu conta, e deixou-se levar assim, no avanço que teve. Quando as mulheres catavam o algodão na roça e se transformava em roupa, a gente deixou-se levar, por conta que você achou que a gente não ia ter as condições dessas mulheres construírem a sua própria fábrica e continuar com o artesanato. E aí hoje que a gente ta se dando conta do prejuízo que nós tivemos, de não ter permanecido com essas culturas. E isso a gente podia ter segurado, e os jovens não iam perder essas culturas, era só renovar. Então, a gente não se deu conta disso e aí...” - Maria Almeida, Várzea Alegre

“Nós temos também que estar avançando em nossas culturas, pois não dá também para a gente levar uma coisa como antigamente. Teve uma festa, dia treze passado deste mês, e na questão da dança foi negativo. Mas era como antigamente, a sanfona tocava aí por debaixo de teto. Hoje não dá mais, pois todo mundo está acostumado hoje a ir numa festa nas maiores alturas, aí você vai dançar lá onde escuta o raspar dos chinelos? Não, isso era antigamente pois o pessoal não tinha essas condições, então era por aí mesmo, era daquela forma. Hoje pode ter festa de sanfona e eu garanto para todo mundo que todos os jovens dançam. A gente tem de dar um renovada na coisa, avançar mais nas instalações, antigamente a gente não tinha sanfona, como que se diz, elétrica, hoje a gente tem, por que a gente não avançamos nisto aí? A gente tem que estar renovando as culturas, pois se não aí que a gente vai perder...” - Maria Almeida, Várzea Alegre

A Central de Associações

"A Central tem um papel muito interessante no sentido de organizar as associações já existentes no seu papel coletivo, onde a central não entra como parceira mas entra como um todo, buscando todas as informações das associações e trabalhando um coletivo maior, nem só aqui no nosso município, como em todo estado, e nem só no estado, até onde tivermos condições e necessidade de levarmos as informações das associações" – Valdemar Santos de Oliveira, Várzea Grande

"Outro papel da Central é desenvolver o trabalho da caprinocultura na região. Já Foram desenvolvidos vários cursos, como os cursos de manejo sanitário e alimentar. Nós tivemos alguns técnicos que vieram facilitar estes cursos, tivemos apoio de alguns projetos" – Valdemar Santos de Oliveira, Várzea Grande

Outro papel é com relação aos títulos coletivos. A Central teve uma luta muito grande pelos títulos coletivos. Inclusive alguns tiveram problemas e foram diminuídos por conflitos que tiveram na região, nas associações de Jatobá, Pé do Morro, e Saco de Pedra II. Mas finalmente conseguimos resolver estes conflitos com o pessoal da CDA, que é a Coordenadoria de Desenvolvimento Agrário do Estado da Bahia. Com alguns procuradores deste órgão conseguimos resolver os conflitos que existiam. E é resultado de uma trabalho que a Central vem desenvolvendo ao logo destes anos, ao longo dos tempos." – Valdemar Santos de Oliveira, Várzea Grande

A feira do Bode

"A feira do bode é um instrumento que surgiu por uma necessidade de mostrar que o agricultor está aqui no sertão e ele precisa desenvolver seu trabalho, ele precisa mostrar que ele existe e que é uma coisa que já vinha há muitos anos só que de forma, digamos assim, muito só, muito interna. Então, através da feira, a gente tem que desenvolver muito a questão dos trabalhos. A feira veio por uma necessidade mesmo dos agricultores." – Edite Alves, Várzea D'Anta

E feira é para nós hoje, para o agricultor, acho que é tudo, porque é onde ele possa mostrar o seu trabalho, onde ele possa vender o seu produto, fazer aquilo que tanto quis fazer. A gente está tentando livrar um pouco a questão dos atravessadores que vem através dessa feira a gente vem tentando isso. A feira no contexto social tem um desenvolvimento muito grande. O trabalho de venda dos bodes, exposição de animais, venda de doces, venda de tudo que o agricultor tem na região, o artesanato, tudo que a gente possa fazer está trazendo para essa feira." – Edite Alves, Várzea D'Anta

"Não sou contra os jovens irem para São Paulo. É bom a experiência de conhecer outros lugares. O problema é ser obrigado a sair por não ver possibilidade de viver aqui. Nossa luta também é para mudar essa situação"

entevista concedida em abril de 2006